

# DOCUMENTO OVALE

Especial

NÚCLEO DE JORNALISMO INVESTIGATIVO E GRANDES REPORTAGENS -- EDIÇÃO Nº 8 -- REPORTAGEM: XANDU ALVES -- FEVEREIRO DE 2019

## UM MAR DE LAMA EM BRUMADINHO

**Brumadinho:** voluntários contam o que viram e sentiram trabalhando no município mineiro, palco de uma das maiores tragédias brasileiras

A lama veio, viu e matou. Silenciou a cidade, constrangeu a nação, espantou o mundo. Soterrou sonhos, separou famílias, calou vozes.

Ao meio-dia de 25 de janeiro, sexta-feira, Brumadinho (40 mil habitantes) tornou-se o coração enfartado do país. Sangrou diante de milhões de olhos pelas imagens do rompimento de uma barragem da mineradora Vale.

A terra ruiu e 12 milhões de metros cúbicos de lama de rejeito

de minério desceram matando quem estivesse pela frente. Gente, animais, natureza, vida.

O lamento profundo de dor e revolta rompeu-se de Brumadinho e foi ouvido no país inteiro. Centenas de pessoas se mobilizaram para procurar sobreviventes. Lutar pelo fio da vida. Depois, encontrar mortos. Dar às famílias a dignidade de enterrá-los.

O Vale do Paraíba também se comoveu com a tragédia. Mas foi à luta. Helicópteros e militares do Cavex (Comando de Aviação do Exército) de Taubaté atuaram em Brumadinho. Bombeiros mi-

litares altamente treinados entraram na perigosa e contaminada lama atrás de corpos. Voluntários dispostos a qualquer trabalho se solidarizaram.

O **Documento OVALE** conta a história de algumas dessas pessoas. O que viram, sentiram e como ajudaram a amenizar o sofrimento dos brumadinhenses.

“Tinha carro de som nas ruas todos os dias chamando para velório”, conta o repórter fotográfico Lucas Lacaz, 51 anos, que passou uma semana em Brumadinho.

Esses relatos humanizam as vítimas daquela que pode se tornar a pior tragédia com barragens no mundo das últimas três décadas.

Até esta sexta-feira, havia 177 mortos. A eles, sobrou a lama. Em memória deles, celebra-se a vida de quem ficou. ■

